CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
VIAGEM AO FIM DO MUDO
5 de setembro de 2026

# THE PHANTOM OF THE OPERA / 1925

*O Fantasma da Ópera*

## Um filme de Rupert Julian

Realização: Rupert Julian e Edward Sedgwick / Argumento: Raymond Schrock, Elliot J. Clawson, segundo o romance "Le Fantôme de l'Opera" de Gaston Leroux / Fotografia: Virgil Miller, Milton Bridenbecker, Charles van Engen / Montagem: Maurice Pivar / Direção Artística: Charles D. Hall, Ben Carre / Interpretação: Lon Chaney (Erik, o "Fantasma"), Mary Philbin (Christine Daeé), Norman Kerry (Raoul de Chagny), Snitz Edwards (Florine Papillon), Gibson Gowlang (Simon), John Sainpolis (Philippe de Chany), Virginia Pearson (Carlotta), Arthur Edmond Carew (Ledoux), Edith Yorke (Madame Valerius), Bernard Siegel, Anton Vaverka, Olive Ann Alcorn, John Miljan, Grace Marvin, Cesare Gravina, George Williams, Chester Conklin / Intérpretes da ópera "Fausto": Edward Cecil (Fausto), Alexander Bevani (Mefistófeles).

Produção: Carl Leammle para a Universal / Cópia: 35mm, preto e branco e tintagens, muda com intertítulos em inglês e legendada eletronicamente em português / Duração: 82 minutos / Estreia Mundial: Cinema Astor, Nova Iorque, a 6 de setembro de 1925 / Relançado em versão sonorizada, com sequências adicionais e diálogos em 1930 / Estreia em Portugal: Tivoli, a 22 de outubro de 1926.

**Excecionalmente, a sessão não terá acompanhamento ao piano. Agradecemos a compreensão e pedimos desculpa pelos eventuais incómodos.**

---

O filme de Rupert Julian apesar dos sinais que o tempo lhe deixou, é a melhor das versões que teve o romance escrito em 1910 por Gaston Leroux (escritor francês de "folhetins" que para além deste romance tem na sua produção um personagem bastante popular, de características rocambolescas, também adaptado ao cinema várias vezes, Rouletabille, jovem jornalista aventureiro que se pode considerar como antepassado de Tintin). A fama deste **Phantom of the Opera** apoia-se, em grande parte, no nome e prestígio do actor que deu corpo ao personagem: Lon Chaney, a quem chamaram o "homem das mil caras".

Carl Laemmle apostou forte nesta adaptação, mas apanhou não poucos sustos. Bastante cara para a época (um milhão de dólares) as primeiras reacções de executivos e exibidores foram bastantes negativas, considerando que o filme era bastante assustador (segundo os critérios do tempo) e lhe faltava algo que lhe pudesse trazer outro tipo de espectadores, um pouco de humor. Daí a entrada em cena de Chester Conklin, a realização de novas cenas e novas exibições especiais que também foram mal recebidas. Laemmle, um daqueles *moguls* de quem se disse cobras e lagartos mas se revelou saber mais de cinema que muitos dos que o contestavam, voltou ao original, manteve alguns momentos com Conklin e lançou-o às "feras", isto é ao público. O êxito foi estrondoso graças, também, a uma inteligente manobra publicitária do produtor: a proibição durante as filmagens de se fotografar Chaney com a maquilhagem e a divulgação da sua forma antes do lançamento do filme (Laemmle repetiria a fórmula, com idêntico resultado, quando lançou em 1931 o célebre **Frankenstein**, chegando inclusive a omitir o nome do actor que interpretava o "o monstro" no genérico inicial, o que muito terá contribuído para a identificação que com ele teve Boris Karloff). Mesmo apesar do público já estar preparado para algo forte, pois Chaney conquistara um enorme sucesso popular pouco antes com a sua criação de Quasimodo em **Nossa Senhora de Paris**, o que viu excedeu as expectativas. Houve,

durante as exibições neste tempo, bastantes desmaios nas plateias quando Christine (Mary Philbin) arranca a máscara de Erik revelando o seu rosto disforme.

O "fantasma da ópera" foi o único membro da família de "monstros" que não se juntou aos restantes durante a década de ouro do género que foram os anos 30. A questão terá a ver com a identificação que se fizera entre Erik e Lon Chaney, falecido no começo da década de 30, mas também porque o filme foi relançado nesse ano (ver ficha técnica) numa versão remontada a que se acrescentaram cenas novas (nesta versão o actor John Sainpolis foi substituído por outro), se cortaram outras, escreveram-se diálogos que alguns dos actores principais debitaram, usou-se a voz *off* de Chaney e acrescentou-se a música da ópera que se encena no filme, o "Fausto" de Gounod. Pode pois dizer-se que, de certo modo, o "fantasma" juntou-se aos seus parceiros do estúdio (ou pelo menos, "assombrou-os"). De qualquer modo a cópia que vamos ver não corresponde inteiramente à versão original de 1925, que tinha 101 minutos, e sim à versão muda do relançamento em 1930 (para salas sem som, mesmo a sequência do "Fausto" que era cantada). A duração indicada na ficha corresponde também à do novo lançamento.

Vale a pena atentar naquilo que mais contribuiu para o êxito do filme: a maquilhagem de Lon Chaney, que se revela ser de extrema simplicidade, como geralmente eram todas as que o actor usava nos seus filmes fantásticos, com poucos artifícios sobre o rosto valendo-se, principalmente, da sua mímica. Apesar desta simplicidade a maquilhagem não caíu no goto do realizador, Rupert Julian, que, por isso, entrou em frequentes conflitos com Chaney, acabando por ser afastado do filme. Para seu lugar viria Edward Sedgwick, especialista do burlesco (foi colaborador de Buster Keaton em filmes como **The Cameraman**), a quem coube a direcção da sequência final nos subterrâneos.

**The Phantom of the Opera** foi uma das mais caras produções da Universal na década de 20 com um orçamento de um milhão de dólares, sendo grande parte destinada à construção dos cenários, principalmente o teatro da ópera que reconstitui fielmente o interior da Opera Nacional de Paris, onde tem lugar um dos clímaxes do filme, a queda do lustre sobre a plateia (a versão de 1943 utilizou de novo os mesmos cenários). E também para o uso do Technicolor bicromático que dá uma singular beleza à fabulosa sequência do baile da máscaras, por onde passa, soberbo, Erik com a sua máscara da "Morte Vermelha" (o que de certo modo corresponde à sua própria figura, pois ambos são elementos de perturbação no meio em que vivem). De todas as versões do "Fantasma" que conhecemos, esta é a mais fiel à sua origem literária. Erik é, no livro de Leroux e no filme de Julian, um personagem que parece surgir do nada, sem passado nem história, tendo apenas uma obsessão; a paixão por Christine Daeé que quer levar ao triunfo mesmo à custa da destruição das suas rivais. O filme, porém, pela força das imagens, é mais eficaz que o livro de Leroux (aliás medíocre), pela dimensão onírica e romântica que dá à relação dos dois, o amor louco de Erik manifestado através das paredes à sua amada e as comparações que surge com fábulas conhecidas, de "A Bela e o Monstro" (Erik e Christine) e "barba Azul" (é curiosidade de Christine ao arrancar a máscara a Erik, que precipita os acontecimentos e a condena). Mas se neste campo, o filme de Julian supera de longe o livro de Leroux, segue-lhe a intriga com poucas mudanças, explorando o carácter folhetinesco: as fabulosas sequências do subterrâneo, com a barca que leva ao esconderijo e em que Erik se representa como uma espécie de Caronte na barca do Inferno, as armadilhas em que Chagny cai, a profusão de passagens secretas, desaparições misteriosas, etc. Tudo isto era, também, uma marca do cinema de então, reflexo da popularidade de que gozavam os *serials*. **The Phantom of the Opera** de Rupert Julian, surge, por isso, não só como uma magnífica encenação de uma história de amor louco, mas também como testemunho e reflexo do cinema do seu tempo.

Manuel Cintra Ferreira

---

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico